

JORNAL

do Leitor litúrgico

Jornal Inter Paroquial:
Carvalhosa – Eiriz – Figueiró – Sanfins

E-MAIL:
jornal.leitor@portugalmail.pt

SAIT:
www.paroquiascesf.com

PERIODICIDADE:
Semanal

DISTRIBUIÇÃO:
Gratuita

JORNAL:
N.º 699 de 25 / 07 / 2021

Ano XII

TEMPO LITÚRGICO:
XVII Domingo Comum
ANO “B”

XVII Domingo Comum

Após mais uma semana que o Senhor nos concedeu, queremos santificar o Domingo, participando na Santa Missa.

Agradecemos-Lhe os dons concedidos e pedimos novas graças para cumprirmos sempre a Sua vontade.

Antífona de Entrada

Salmo 67, 6-7.36

Deus vive na sua morada santa,
Ele prepara uma casa para o pobre.
É a força e o vigor do seu povo.

Introdução

O Pão é causa de conflitos, mas é também sinal de comunhão...

Para infundir coragem nos Israelitas, tomados pelo pânico diante dos Cananeus, homens de estatura imponente, Josué e Caleb exclamaram: «Não temais o povo daquela terra, porque ele será o nosso pão» (*Nm 14, 9*). Coincidência curiosa: a raiz hebraica da qual deriva o termo pão é composta pelas mesmas consoantes do verbo combater, como se estivesse a indicar que a luta pelo alimento é a causa do desencadear das guerras. Os próprios dissídios (*as divergências*) entre Israel e o Senhor surgiram devido à escassez de pão: «Na terra do Egipto comíamos com fartura» (*Ex 16, 3*).

Só quando é partilhado é que o pão deixa de ser motivo de competição e de contendas, e torna-se sinal de amor e de fraternidade.

Comer o pão com outra pessoa é considerá-la íntima, é um amigo em quem se confia, um aliado do qual não se espera traição (*Sl 41, 10*). As tensões mais fortes e os rancores mais venenosos manifestam-se nos silêncios à mesa, e as discussões mais embaraçantes são as que se desencadeiam entre comensais (*que partilham a mesma mesa*).

O banquete é, por natureza própria, expressão de paz e reconciliação (*Gn 31, 53-54*), por isso Deus o escolheu como sinal do seu reino. Ele preparará um banquete onde «os pobres comerão e serão saciados» (*Sl 22, 27*).

Este é o seu sonho: contemplar um dia todos os seus filhos, como rebentos de oliveira, ao redor da sua mesa (*Sl 128, 3*).

– Os pobres comerão e serão saciados, se eu tiver a coragem de partilhar os meus bens.

Sumário

-- PÁGINA 1 -- Sumário; XVII Domingo Comum; Antífona de Entrada; Introdução. **-- PÁGINA 2 --** 1.ª Leitura (2 Reis). **-- PÁGINA 3 --** Salmo Responsorial; 2.ª Leitura (*Efésios*). **-- PÁGINA 4 --** Aclamação ao Evangelho; Evangelho (*João*). **-- PÁGINA 6 --** Oração Universal. **-- PÁGINA 7 --** Antífona da Comunhão; Monição da Comunhão; Monição final; O Senhor que converteu Paulo, também chama por nós; O Senhor continua a fazer milagres; O Senhor envia-nos e recompensa-nos. **-- PÁGINA 8 --** Agenda Santoral; Para quê ser sacerdote (*Papa Francisco*). **-- PÁGINA 9 --** Sabias que...; Descomplica (77); Oração; **-- PÁGINA 10 --** Avós de Jesus (*S. Joaquim e S. Ana*); Seis adágios populares. Aniversário de Leitores; Humor. **-- PÁGINA 11 --** Da contracultura dominante à prática política. **-- PÁGINA 12 --** S. Tiago (25 de julho) - Imagem e história. **-- PÁGINA 14 --** Escala de Leitores; Escala de Mec's; A Fechar.

Primeira Leitura

2 Rs 4, 42-44

MONIÇÃO:

Eliseu, com vinte pães, sacia a fome de cem pessoas. Nós somos chamados pelo Senhor para socorremos os pobres de todo o mundo.

LEITURA:

Leitura do Segundo Livro dos Reis

Naqueles dias, ⁴²veio um homem da povoação de Baal-Salisa e trouxe a Eliseu, o homem de Deus, pão feito com os primeiros frutos da colheita. Eram vinte pães de cevada e trigo novo no seu alforge. Eliseu disse: «Dá-os a comer a essa gente». ⁴³O servo respondeu: «Como posso com isto dar de comer a cem pessoas?» Eliseu insistiu: «Dá-os a comer a essa gente, porque assim fala o Senhor: ‘Comerão e ainda há de sobrar’». ⁴⁴Deu-lhos e eles comeram, e ainda sobrou, segundo a palavra do Senhor.

Palavra do Senhor

RECOMENDAÇÃO AOS LEITORES:

Apesar de não existirem Leituras fáceis, esta, porém, não é difícil de proclamar.

Faz ressaltar, distinguir o diálogo entre o servo e Eliseu. Faz também a divisão do texto no versículo 44: “Deu-lhos e eles comeram...”

Exercita as palavras: Baal-Salisa / alforge / ou outras.

COMENTÁRIO Á 1.ª LEITURA:

O que sonhavam os «pobres da terra» de Israel? Não grandes coisas, mas apenas terem pão em abundância e assim poderem também eles comer, como os ricos, três vezes por dia. A abundância de pão era o sinal da bênção de Deus (Sl 37, 25) e a sua escassez era um castigo pelo pecado (Ez 4, 16-17).

A cena narrada na leitura de hoje desenvolve-se durante uma terrível carestia (uma escassez). A situação era tão desesperada que, para sobreviverem,

as pessoas comiam raízes, folhas e ervas, até mesmo as venenosas (*tal era o desespero da fome*) – 2 Rs 4, 38-41.

O termo fome aparece 134 vezes no Antigo Testamento; são de facto muitas vezes, e isto acontecia porque, devido à escassez de chuva, as terras do Médio Oriente antigo, eram muitas vezes atingidas por esta calamidade.

Foi então numa época de carestia que um homem de Baal-Salisa se apresentou a Eliseu e lhe ofereceu vinte pães de cevada (v. 42).

Pães de cevada que saciam

A cevada cresce até em terrenos pobres e acidentados, e tem um valor inferior ao trigo (Ap 6, 6). O seu ciclo de maturação (*de amadurecimento*) é mais breve (*mais rápido*) em relação ao de outros cereais, e por isso é o primeiro a ser ceifado: acontece normalmente na Primavera, por volta da Páscoa. Os ricos preferiam o pão de trigo, as classes mais pobres contentavam-se com o pão de cevada porque custava menos.

É, portanto, um agricultor pobre aquele que, num gesto de comovente generosidade, se priva do precioso alimento para o entregar ao profeta. Não retém (*não guarda*) para si as primícias do seu campo. Bem pelo contrário: sente a necessidade de partilhar com outros o dom recebido de Deus. O pão é um dom do Senhor e deve ser imediatamente partilhado com quem não tem: «O homem de olhar generoso será abençoado, porque dá o seu pão ao pobre» (Pr 22, 9).

Eliseu, por sua vez, deixa-se envolver nesta dinâmica do dom gratuito, acionada pelo homem de Baal-Salisa. Não mete o pão no saco para o levar para sua casa, mas convida o seu servo a distribuí-lo às cem pessoas famintas que tem à sua volta.

A reação do servo é de ceticismo: «Como posso com isto dar de comer a cem pessoas?» (v.43). Ou seja: se não acontecer um milagre, não será possível resolver o problema da fome de tanta gente com tão poucos recursos.

Mas o profeta convida-o a ter confiança, garantindo-lhe: «Comerão e ainda há de sobrar» (v. 43).

O prodígio é possível, e irá acontecer, mas apenas se houver a coragem de acreditar na promessa do Senhor e confiar na disposição, aparentemente absurda e insensata, do profeta que diz para distribuir, partilhar, pôr em comum.

Porque o alimento chegará para todos e ainda sobrar, mas ninguém deve açambarcar, ninguém deve ficar com mais do que aquilo que precisa para saciar a própria fome. Quem, desconfiando da providência do Senhor ou movido pela avidez ou pela cobiça, tirar parte aos irmãos para o esconder e acumular para si, verá no dia seguinte, como aconteceu com o maná, que apodreceu e ficou cheio de vermes (Ex 16, 20).

Deus não multiplica o pão a partir do nada, não o faz (*milagrosamente*) chover do céu; Deus não se substitui

ao homem na solução do problema da fome. Deus realiza os seus prodígios através daquelas pessoas que confiam na sua palavra (*daqueles que colaboram com Ele, partilhando*) e então, sim, consegue realizar prodígios.

Foi esta a dinâmica que levou ao milagre que escutamos nesta 1.ª Leitura: em primeiro lugar, houve um gesto generoso de um homem de Baal-Salisa que ofereceu o fruto do seu trabalho; depois houve a decisão de Eliseu de partilhar o dom recebido; e, por fim, o prodígio aconteceu: «Eles comeram e ainda sobrou, segundo a palavra do Senhor.»

É certamente verdade que, nos dias de hoje, só um milagre pode resolver o problema da fome no mundo. E, no entanto, é possível obtê-lo: basta ter a coragem de confiar, contra todas as lógicas humanas, confiar no Evangelho e, como Pedro, quando foi convidado a pescar ao meio-dia, exclamar: «Porque Tu o dizes...» (Lc 5, 5) e agir em consequência. Depois a solução (*o milagre*) aparece.

Salmo Responsorial

Sl 144 (145), 10-11.15-16.17-18 (R. cf. 16)

MONIÇÃO:

O Senhor vem ao encontro dos que O amam, invocam e Lhe dão graças, cumulando-os de bênçãos.

REFRÃO:

**ABRIS, SENHOR, AS VOSSAS MÃOS
E SACIAIS A NOSSA FOME.**

SALMO:

Graças Vos deem, Senhor, todas as criaturas e bendigam-Vos os vossos fiéis.
Proclamem a glória do vosso reino e anunciem os vossos feitos gloriosos.

Todos têm os olhos postos em Vós, e a seu tempo lhes dais o alimento.
Abris as vossas mãos e todos saciais generosamente.

O Senhor é justo em todos os seus caminhos e perfeito em todas as suas obras.
O Senhor está perto de quantos O invocam, de quantos O invocam em verdade.

Segunda Leitura

Ef 4, 1-6

MONIÇÃO:

São Paulo exorta os cristãos a serem humildes e a praticarem a virtude da caridade, vivendo unidos ao Senhor que concede o dom da paz.

LEITURA:

Leitura da Epístola de São Paulo aos Efésios

Irmãos: ¹**Eu, prisioneiro pela causa do Senhor, recomendo-vos que vos comporteis segundo a maneira de viver a que fostes chamados:** ²**procedei com toda a humildade, mansidão e paciência; suportai-vos uns aos outros com caridade;** ³**empenhai-vos em manter a unidade de espírito pelo vínculo da paz.** ⁴**Há um só Corpo e um só Espírito, como existe uma só esperança na vida a que fostes chamados.** ⁵**Há um só Senhor, uma só fé, um só Batismo.** ⁶**Há um só Deus e Pai de todos, que está acima de todos, atua em todos e em todos Se encontra.**

Palavra do Senhor.

RECOMENDAÇÃO AOS LEITORES:

Começa por exercitar uma suficiente respiração, para conseguir aguentar fazer a primeira frase (*que vai até aos dois pontos*). Respeita a pontuação de enumeração (*até "paz"*). Finalmente, faz uma pausa suficientemente notada, para separar e anunciar a tríplice tríade que se segue (*"Há um só corpo... "Há um só Senhor... "Há um só Deus..."*).

Exercita as palavras: prisioneiro / recomendo-vos / comporteis / mansidão / suportai-vos / empenhai-vos / vínculo / ou outras.

COMENTÁRIO À 2.ª LEITURA:

Com este trecho começa a parte da Carta aos Efésios dedicada às exortações morais, e o primeiro tema que é tratado é o da unidade da Igreja.

Nos primeiros versículos (v. 1-3), são indicadas algumas características da vida nova dos batizados. São introduzidas por uma evocação do Apóstolo Paulo,

prisioneiro pela causa do Senhor (v.1). A autenticidade da sua mensagem é comprovada pela disponibilidade a dar a vida pelo Evangelho.

O primeiro sinal que distingue o discípulo é a “humildade” (*não é a humilhação*), humildade entendida como a escolha do último lugar, a disponibilidade para servir, o anular-se a si mesmo para elevar quem é pobre. Depois vêm a mansidão, a paciência e a tolerância. O cristão não é litigioso (*não tem questões em Tribunal, frequentemente*); não é irascível (*não é pessoa que se irrite, nem um irado*) e também não pretende ter sempre razão. O cristão sabe que as pessoas têm qualidades, mas também têm limites; têm virtudes, mas também têm defeitos; têm dotes (*tem dons, méritos*), mas também têm mesquinhices. O cristão, seguindo o exemplo do Mestre, Jesus Cristo, renuncia a qualquer forma de agressividade e violência, e procura, de todos os modos, a unidade, a reconciliação e a paz entre todos.

Depois na segunda parte do trecho (v.4-6), o tema é retomado e fundamentado. São sete as razões pelas quais, entre os cristãos, deve reinar a unidade: «Há um só Corpo e um só Espírito, uma só esperança, um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos». É difícil explicar por que motivo foi esquecida a referência ao único pão eucarístico.

Ora, a unidade de uma comunidade não é fruto de simpatias ou resultado de conveniências egoístas. Como todas as outras pessoas, os cristãos teriam mil e uma razões para estarem divididos e em desacordo. Existem entre eles diferenças de raça, língua, cultura, condição económica, mentalidade, carácter...etc. A própria religião, por vezes, é motivo de dissensões (*de divergências*), quer dizer, há muitas profissões de fé no mesmo Cristo. No entanto, as diversidades não devem gerar inveja nem criar competição; as diversidades, de facto, constituem uma riqueza e estão destinadas a favorecer a ajuda recíproca (*mútua*), a colaboração, a complementaridade. É por este motivo que, nos versículos seguintes (v. 11-16), a carta aos Efésios irá descrever a comunidade cristã como um corpo bem harmonizado, no qual cada membro tem uma função e desempenha uma tarefa própria.

JORNAL DO LEITOR LITÚRGICO

Aclamação ao Evangelho

Lc 7, 16

MONIÇÃO:

O Senhor, com cinco pães e dois peixes, dá de comer a cinco mil homens. É sem dúvida um grande milagre. Ele pode tudo. Pode atender os nossos pedidos.

REFRÃO:

ALELUIA, ALELUIA!

ACLAMAÇÃO:

Apareceu entre nós um grande profeta:
Deus visitou o seu povo.

Evangelho

Jo 6, 1-15

EVANGELHO:

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João

Naquele tempo, ¹Jesus partiu para o outro lado do mar da Galileia, ou de Tiberíades. ²Seguia-O numerosa multidão, por ver os milagres que Ele realizava nos doentes. ³Jesus subiu a um monte e sentou-Se aí com os seus discípulos. ⁴Estava próxima a Páscoa, a festa dos judeus. ⁵Erguendo os olhos e vendo que uma grande multidão vinha ao seu encontro, Jesus disse a Filipe: «Onde havemos de comprar pão para lhes dar de comer?» ⁶Dizia isto para o experimentar, pois Ele bem sabia o que ia fazer. ⁷Respondeu-Lhe Filipe: «Duzentos denários de pão não chegam para dar um bocadinho a cada um». Disse-Lhe um dos discípulos, ⁸André, irmão de Simão Pedro: ⁹«Está aqui um rapazito que tem cinco pães de cevada e dois peixes. Mas que é isso para tanta gente?» ¹⁰Jesus respondeu: «Mandai sentar essa gente». Havia muita erva naquele lugar e os homens sentaram-se em número de uns cinco mil. ¹¹Então, Jesus tomou os pães, deu graças e distribuiu-os aos que estavam sentados, fazendo o mesmo com os peixes; e comeram quanto quiseram. ¹²Quando ficaram saciados, Jesus disse aos discípulos: «Recolhei os bocados que sobraram, para que nada se perca». ¹³Recolheram-nos e encheram doze cestos com os bocados dos cinco pães de cevada que sobraram aos que tinham comido. ¹⁴Quando viram o milagre que Jesus fizera, aqueles homens começaram a dizer: «Este é, na verdade, o Profeta que estava para vir ao mundo». ¹⁵Mas Jesus, sabendo que viriam buscá-l'O para O fazerem rei, retirou-Se novamente, sozinho, para o monte.

Palavra da Salvação.

COMENTÁRIO AO EVANGELHO:

Nos próximos cinco domingos interrompe-se a leitura do Evangelho de Mateus e é proposto à nossa atenção o capítulo 6 do Evangelho de João. Inicia hoje com o relato da multiplicação dos pães e continua nas próximas semanas, com o célebre discurso sobre o pão da vida, pronunciado por Jesus na sinagoga de Cafarnaum.

Na interpretação deste capítulo pode-se cometer o erro de partir do pressuposto que ele trate, do início ao fim, o tema da Eucaristia. Este erro deve ser evitado, de modo a não se perder a riqueza da mensagem de cada trecho. O tema da Eucaristia está presente, como pano de fundo, ao longo de todo o discurso; mas só no final é introduzido de forma explícita.

De todos os sinais operados por Jesus, nenhum é relatado tantas vezes como o da multiplicação dos pães. Todos os evangelistas o referem, pelo menos uma vez, Mateus e Marcos fazem-no duas vezes, pelo que ao todo é referido seis vezes.

Por que motivo, na Igreja primitiva, foi dada tanta importância a este facto?

Porque se tratou de um facto clamoroso, sensacional, e porque impressionou muito um povo habituado a comer só uma vez por dia? É verdade, a fome crónica dos Israelitas, pode explicar em parte, mas não de todo, o interesse por este episódio. Jesus fez milagres mais extraordinários que só são narrados uma vez. Então qual o porquê desta insistência nos pães?

A versão que hoje nos é proposta, composta por João, difere em muitos detalhes das outras. Não nos deteremos nestas diferenças, e nem sequer procuraremos estabelecer o que terá realmente acontecido, mas iremos imediatamente à mensagem e procuraremos evidenciá-la em cada um dos pormenores significativos do relato.

Antes de mais, uma observação importante: no texto não é utilizado o termo multiplicação; usamo-lo nós nos títulos, aliás não inspirados, dos trechos evangélicos, mas o Evangelho fala apenas de pães e de peixes postos em comum, de distribuição dos mesmos, do resultado – todos receberam «e comeram quanto quiseram» – e da recolha, em doze cestos, dos pães que sobraram, sinal de um alimento destinado a nunca esgotar. Nada mais. Então a mensagem central do relato não deve ser procurada na multiplicação, mas na partilha.

Nós sofremos do frenesi de multiplicar tudo aquilo que é material: o dinheiro, a saúde, os anos de vida, as amizades, os sucessos e, quando nos sentimos incapazes de multiplicar, chamamos por Deus para que o faça por nós. Mas o frenesi de multiplicar é síndrome de morte, deriva do medo da morte e do fracasso, é sinal de falta de fé.

O problema a que Jesus, com este gesto, quer dar resposta é o da fome, da fome material, não da fome

espiritual. Existe o problema da fome no mundo e nós gostaríamos que Ele o resolvesse com multiplicações; Jesus segue uma outra lógica, uma lógica que não permite indolência, mas que envolve e responsabiliza.

O relato começa com uma indicação cronológica: «Estava próxima a Páscoa, a festa dos Judeus» (v. 4). Não se trata de uma informação, mas de uma moldura teológica que serve para dar relevo ao significado do episódio. João quer que este seja lido na perspectiva da grande festa da libertação de Israel da escravidão do Egito.

O paralelismo entre a multiplicação dos pães e os acontecimentos do Êxodo é tão importante que o evangelista evidencia-o repetidamente: Jesus, como Moisés, atravessa o mar (v. 1) e, é bom notá-lo, não se fala de nenhum barco, precisamente como acontecera durante o Êxodo; como Moisés, Jesus é acompanhado por um povo numeroso e conquista a confiança das multidões fazendo grandes sinais (v. 2). Por duas vezes (v. 3.5) sobe ao monte e aí se senta com os seus discípulos, precisamente como Moisés que frequentemente subia ao monte e instruía o seu povo. Durante o Êxodo, Moisés deu o maná e, como ele, Jesus sacia quem o segue. Por fim, no versículo 14, nota-se que a multidão o aclama como «o profeta que estava para vir ao mundo». Esta é uma referência específica à profecia feita por Deus a Moisés: «Suscitar-lhes-ei um profeta como tu, dentre os seus irmãos; porei as minhas palavras na sua boca e ele dirá tudo o que Eu ordenar» (Dt 18, 18).

Todas estas referências têm como finalidade apresentar Jesus como o novo Moisés que inicia, com a Humanidade, um novo êxodo, uma passagem da escravidão para a liberdade, de uma condição insustentável e desumana para a verdadeira vida.

A meta da viagem de Moisés era a terra de Canaã, a de Jesus é a verdadeira terra prometida, o reino de Deus, o reino onde – como anunciaram os profetas – todos terão à sua disposição alimento abundante e gratuito (Is 25, 6).

Não se trata do paraíso, do além, mas, antes de mais, do tempo presente. É certo que o reino de Deus terá a sua realização plena no fim dos tempos, mas o sinal realizado por Jesus indica que a sociedade nova, aquela sociedade em que é dada a toda a gente a possibilidade de viver segundo o projeto do Criador, deve ter início aqui e agora.

Mas é possível criá-la? Podemos pensar que os recursos deste mundo sejam suficientes para saciar a todos e que ainda sobre?

As dúvidas expressas com franqueza e lucidez pelos Apóstolos espelham as nossas perplexidades (os *nossos embaraços hesitantes*). Na Mishna está escrito que, para satisfazer as necessidades quotidianas de um pobre, são necessários 1/12 de um denário. Filipe faz um cálculo rápido: com 200 denários é possível comprar 4800 meias-rações (v. 7). Mas onde encontrar tanto dinheiro e tanto pão?

No Evangelho de Lucas, os Doze fazem uma propos-

ta diferente, muito realista e sensata: «Despede a multidão, para que, indo pelas aldeias e campos em redor, encontre alimento e onde pernoitar» (Lc 9, 12). Por outras palavras: este é um problema que nada tem a ver com a fé; aqui vem-se para rezar, meditar, ouvir pregações; no que diz respeito ao pão, cada um que se arranje como puder. É a ideia, difusa também nos nossos dias, de que existem duas esferas claramente distintas e incomunicáveis: o reino de Deus, por um lado, e a vida material, por outro.

Intervém André, irmão de Simão Pedro: «Está aqui um rapazito que tem cinco pães de cevada e dois peixes, mas logo a seguir, como quem se deu conta de ter feito uma observação totalmente desprovida de sentido prático, acrescenta: «Mas que é isso para tanta gente?» (v. 9). O alimento disponível é pouco e a multidão é imensa. Perante uma situação duzentas vezes menos complexa, o servo de Eliseu tivera uma reação idêntica: «Como posso com isto dar de comer a tanta gente?»

Através de um diálogo engenhoso, Jesus fez emergir as estratégias ditadas pela sabedoria humana para resolver o problema da fome no mundo, estratégias essas que são as nossas e que o evangelista colocou habilmente na boca dos Apóstolos.

A conclusão inevitável é: não há solução; as bocas a alimentar são demasiadas e os recursos insignificantes, e surge espontaneamente a dúvida de que o projeto da criação pode ter tido alguma falha. O máximo que se pode obter neste mundo é uma boa organização da assistência social, mas é impensável que a miséria possa ser vencida.

Ora é aqui que Jesus perspetiva a sua solução: «Mandai sentar essa gente» (v. 10). Fica assim de fora a possibilidade de o reino de Deus ter lugar numa esfera separada da realidade concreta. A palavra de Cristo está destinada a ser um fermento social, a transformar todo o mundo e todas as pessoas.

A mesa sobre a qual é preparado o banquete é original. A multidão é convidada a sentar-se na erva verde de um prado. «Havia muita erva naquele lugar» (v. 10) – nota o evangelista – e este detalhe, aparentemente supérfluo e marginal, é significativo; evoca, de forma explícita, as palavras do salmo: «O Senhor é meu pastor... em verdes prados me faz descansar» (Sl 23, 1-2). Se Jesus faz sentar as suas ovelhas «na erva verde», isto significa que se apresenta como o pastor anunciado pelos profetas, quer dizer que teve início o banquete do reino de Deus (Is 25, 6), que surgiu o mundo novo, o mundo onde nunca mais será preciso discutir pela comida, porque esta será abundante para todos.

Então como será construído este mundo novo?

Jesus indica qual é a sua proposta através de um gesto: pega no pão que lhe foi oferecido, distribui-o e o prodígio acontece; é realizado pela fé na sua palavra, que é um convite à partilha, à renúncia da posse e do guardar para si.

João é o único evangelista a assinalar que foi um rapazito quem pôs à disposição de todos o pouco alimento que possuía, e que o seu pão era de cevada (v. 9), o alimento dos pobres. O pormenor da criança é pouco realista já que, bem o sabemos, as crianças são as primeiras a comer o que trazem; portanto, é pouco verosímil (*provável*) que, entre tanta gente, tenha sido precisamente um rapazito – e só ele – a conservar o lanche. Mas o valor simbólico deste detalhe é evidente: no Evangelho, a criança é o modelo do discípulo; quem quer entrar no reino dos céus deve tornar-se como as crianças (Mc 10, 15).

Agora a mensagem é clara: a criança, pobre, é o discípulo chamado a pôr à disposição dos irmãos tudo o que possui.

Esta é a grande proposta, esta é a chave do milagre!

Basta que as pessoas ponham de lado os seus egoísmos, vençam a avidez de possuir, «raiz de todos os males» (1 Tm 6, 10), acolham a lógica do Reino e ponham à disposição dos irmãos, sem reservas, tudo aquilo que têm à sua disposição e o prodígio acontece: todos são saciados e ainda sobra.

Refere-se o facto de o capítulo 6 de João não tratar, desde o início, o tema da Eucaristia. O trecho de hoje tem por tema a partilha dos bens e deve ser evitada a interpretação espiritualista, no entanto, não se pode deixar de notar que o relato tem também conotações eucarísticas. Na descrição dos gestos de Jesus - «Jesus tomou os pães, deu graças e distribuiu-os aos que estavam sentados» (v. 11) – é evidente a evocação das palavras da instituição da Eucaristia (Mc 14, 22). É o modo com o qual João recorda às suas e às nossas comunidades que o problema do pão material está estritamente ligado à celebração da Eucaristia. Seria um contrassenso partir juntos o pão eucarístico e não partilhar o pão material.

Oração Universal

1

Pelo nosso Bispo Manuel, pelos presbíteros e diáconos,
pelos acólitos, leitores e catequistas
e pelos fiéis que servem a Igreja,
Oremos ao Senhor.

2

Pelo progresso espiritual de todos os povos,
pelo desenvolvimento material dos cidadãos
e pela justa distribuição das riquezas,
Oremos ao Senhor.

3

Pelos que têm fome de pão e de esperança,
pelos que repartem os seus bens com os mais pobres
e por aqueles que dão a mão aos que caíram,
oremos ao Senhor.

4

Pelos que estão a sofrer pela sua fé,
pelos que se empenham em viver em paz com
todos
pelos presos, pelos doentes e pelos defuntos,
oremos ao Senhor.

5

Por todos nós que escutámos a palavra,
por aqueles que vão comungar o pão da vida
e pelos defuntos da nossa comunidade,
oremos ao Senhor.



Antífona da comunhão

Salmo 102, 2

Bendiz, ó minha alma, o Senhor,
e não esqueças os seus benefícios.

Ou: -

Mt 5, 7-8

Bem-aventurados os misericordiosos,
porque alcançarão misericórdia.
Bem-aventurados os puros de coração,
porque verão a Deus.



Monição da comunhão

Outrora o Senhor multiplicou o pão e os peixes.
Agora é Ele mesmo que se oferece a nós na Sagrada
Comunhão. Se estamos devidamente preparados,
recebamo-l'O com fé. Confiemos-Lhe a nossa vida.



Monição final

Fortalecidos pela Divina Eucaristia, vamos partir
para as nossas casas. O Senhor vai connosco para que
vivamos sempre na Sua Lei. Maria Santíssima
acompanha-nos para nos mantermos firmes na fé,
dando testemunho, na nossa comunidade e em todo o
mundo.



*Quando viram o milagre que Jesus fizera,
aqueles homens começaram a dizer:
«Este é, na verdade, o Profeta
que estava para vir ao mundo».*

(Jo 6, 14)

O Senhor que converteu Paulo também chama por nós

O Senhor chamou-nos, concedendo-nos o dom da
fé.

Como devemos estar agradecidos! Quantas pessoas
vivem longe do Senhor porque não acreditam n'Ele! Nós
nem sequer conseguimos imaginar o que seria a nossa
vida sem Deus!...

São Paulo viveu as duas experiências. Não
acreditava e perseguia os que acreditavam no Senhor.
Mas, quando é interpelado por Ele, deixa-se seduzir,
consagrando-lhe, a partir desse momento, a vida ao
serviço dos irmãos.

Hoje diz-nos na Primeira Leitura: «procedei com
toda a humildade, mansidão e paciência, suportai-vos
uns aos outros com caridade».

Observemos estas recomendações e saberemos
viver com todos em paz. Amando a Deus, amá-l'O-emos
também nos nossos irmãos.



O Senhor continua a fazer milagres

Outrora cem pessoas foram alimentadas com
intervenção do Profeta Eliseu (*Primeira Leitura*).

O Senhor fez um grande milagre, multiplicando cinco
pães e dois peixes para saciar a fome das muitas
pessoas que O escutavam (*Evangelho*).

O Senhor continua hoje a abençoar os campos para
produzirem alimentos para toda a humanidade.

O Senhor continua hoje a multiplicar os peixes do
mar para saciar a nossa fome.

O Senhor oferece-se a Ele mesmo na Sagrada
Comunhão para nos conceder as graças necessárias ao
cumprimento da Sua vontade.

Evitemos o mal, pratiquemos o bem, vivamos em
Graça e recebamos Jesus Eucaristia.

Assim viveremos sempre com o Senhor na
esperança de com Ele sermos felizes eternamente.



O Senhor envia-nos e recompensa-nos

O Senhor quer continuar presente no mundo através
do nosso exemplo, do nosso apostolado...

Vamos ao encontro dos pobres e dos que passam
fome, fazendo tudo o que pudermos para que possam

XVII Domingo do Tempo Comum – 25-07-2021 – N.º 699

– Pág. 7 / 14

viver com dignidade.

Vamos ao encontro dos que não têm uma casa para os acolher nem um país para viver porque tiveram de fugir à guerra.

Vamos ao encontro das crianças maltratadas, dos jovens destruídos pelo vício e pela droga, dos velhinhos abandonados para que as famílias e a sociedade os acolham com dedicação.

Vamos ao encontro das vítimas de qualquer violência para as protegermos e ajudarmos.

Vamos ao encontro de tantas pessoas doentes que sofrem no corpo e na alma para lhes manifestarmos a nossa solidariedade.

Oferecendo assim a nossa vida ao Senhor no amor dedicado aos irmãos, sentimo-nos imensamente felizes e experimentamos a Sua recompensa, infinitamente superior àquilo que podemos imaginar.

Continuemos a dar testemunho do Senhor no mundo. Agradecemos a Nossa Senhora por estar sempre connosco.

Que mais podemos ambicionar?!...

Assim vale a pena viver!...

Agenda Santoral

Dia 26 – **S. Joaquim e S. Ana** (*Pais da Virgem Santa Maria e “avós” de Jesus*).

Dia 29 – **S. Marta**.

Dia 30 – **S. Pedro Crisólogo** (*Bispo e Doutor da Igreja*).

Dia 31 – **S. Inácio de Loiola** (*Presbítero*).

Para quê ser sacerdote

Papa Francisco

Caríssimos irmãos!

Estes nossos filhos foram chamados à ordem do presbiterado. Reflitamos a que ministério serão elevados na Igreja. Como bem sabeis, irmãos, o Senhor Jesus é o único Sumo Sacerdote do Novo Testamento, mas n'Ele também todo o povo santo de Deus foi constituído povo sacerdotal. Contudo, entre todos os seus discípulos, o Senhor Jesus quer escolher alguns deles em particular, para que exercendo publicamente na Igreja em seu nome o ofício sacerdotal a favor de todos os homens, continuem a sua missão pessoal de

mestre, sacerdote e pastor. Foram eleitos pelo Senhor Jesus, não para fazer carreira, mas para prestar este serviço.

De facto, do mesmo modo como Ele foi enviado para isto pelo Pai, assim Ele enviou por sua vez ao mundo, primeiro os Apóstolos e depois os Bispos e os seus sucessores, aos quais por fim foram dados como colaboradores os presbíteros, os quais, a eles unidos no ministério sacerdotal, estão chamados ao serviço do Povo de Deus.

Depois de madura reflexão e oração, agora estamos para elevar à ordem dos presbíteros estes nossos irmãos, para que ao serviço de Cristo, Mestre, Sacerdote, Pastor, cooperem para edificar o Corpo de Cristo que é a Igreja como Povo de Deus e Templo santo do Espírito Santo.

Com efeito, eles serão configurados com Cristo Sumo e Eterno Sacerdote, serão consagrados como verdadeiros sacerdotes do Novo Testamento, e, com este título, que os une no sacerdócio com o seu Bispo, serão pregadores do Evangelho, Pastores do Povo de Deus, e presidirão às ações de culto, especialmente na celebração do sacrifício do Senhor.

Quanto a vós, filhos e irmãos diletíssimos, que estais para ser promovidos à ordem do presbiterado, considerai que exercendo o ministério da Sagrada Doutrina sereis partícipes da missão de Cristo, único Mestre. Dispensai a todos aquela Palavra de Deus, que vós mesmos recebestes com alegria, quando éreis crianças. Lede e meditai assiduamente a Palavra do Senhor para acreditar naquilo que lestes, ensinar o que aprendestes na fé, viver quanto ensinastes.

Por conseguinte, seja alimento para o Povo de Deus a vossa doutrina, simples, como falava o Senhor, que chegava ao coração. Não façais homilias demasiado intelectuais e elaboradas: falai de maneira simples, falai aos corações. E esta pregação será verdadeiro alimento. E seja motivo de alegria e de amparo aos fiéis também o perfume da vossa vida, porque a palavra sem o exemplo da vida para nada serve, é melhor voltar atrás. A vida dupla é uma péssima doença, na Igreja.

Por conseguinte, reconhecei o que fazeis. Imitai o que celebrais para que, participando no mistério da morte e ressurreição do Senhor, leveis a morte de Cristo nos vossos membros e caminheis com Ele em novidade de vida. Um presbítero que talvez tenha estudado muita teologia e obtido um, dois, três diplomas, mas não aprendeu a carregar a Cruz de Cristo, não serve. Será um bom académico, um bom professor, mas não um sacerdote.

Com o Batismo agregareis novos fiéis ao Povo de Deus. Com o Sacramento da Penitência perdoareis os pecados em nome de Cristo e da Igreja. Por favor, peço-vos em nome de Cristo e da Igreja, que sejais misericordiosos, sempre; que não carregueis sobre os ombros dos fiéis pesos que não podem suportar, e nem sequer vós. Por isso Jesus reprovou os doutores da lei, chamando-os hipócritas. Com o óleo santo dareis alívio aos enfermos. Uma das tarefas – talvez aborrecida,

mesmo dolorosa – é ir visitar os doentes. Praticai-a, vós. Sim, é bom que vão os fiéis leigos, os diáconos, mas não descuideis de tocar a carne de Cristo sofredor nos doentes: isto santifica-vos, aproxima-vos de Cristo. Celebrando os ritos sagrados e elevando nas várias horas do dia a oração de louvor e de súplica, tornar-vos-eis voz do Povo de Deus e da humanidade inteira.

Cientes de terdes sido escolhidos entre os homens e constituídos em seu favor para atender às coisas de Deus, praticai com alegria e caridade sincera a obra sacerdotal de Cristo. Sede jubilosos, nunca tristes. Alegria. Com a alegria do serviço de Cristo, até no meio dos sofrimentos, das incompreensões, dos próprios pecados. Tende sempre diante dos olhos o exemplo do Bom Pastor, que não veio para ser servido, mas para servir. Por favor, não sejais «senhores», não sejais «clérigos de Estado», mas pastores, pastores do Povo de Deus.

*Papa Francisco, em 07-05-2017,
Homília da Santa Missa na Basílica de São Pedro,
em que procedeu à ordenação de dez novos sacerdotes.*

Sabias que...

Um menino com cinco pães e dois peixes.

A quantidade de pães e peixes que o menino levava é um número simbólico (5+2=7). O 7 é um número de perfeição, pois resulta de somar o terreno (os quatro pontos cardeais) mais os três do triângulo que, apontando para o céu, é o símbolo da divindade.

Os pães daquele tempo eram barras de um palmo de diâmetro...; menos esponjoso do que os nossos. Os peixes não eram frescos, mas preparados em sal ou no defumadouro; era a forma habitual de os consumir.

Descomplica (77)

Transforma a tua vida

11 verbos que descomplicam a tua vida: Recomeçar, Acreditar, Confiar, Esperar, Aceitar, **Entregar**, Desapegar, Persistir, Agradecer, Avançar e Descomplicar.

Sexto verbo: **“Entregar”**

SETE ESTRATÉGIAS ANTI STRESS, EFICAZES

1 – Alimenta-te bem.

Não saltes refeições; ingere líquidos, fruta e legumes, proteínas e hidratos de carbono complexos.

2 – Treina o relaxamento.

Relaxamento muscular (*reduzir a tensão*) e Mindfulness (*para te focares no aqui e agora*).

3 – Faz exercício.

Mexe-te. (*escolhe as escadas, vai a pé, caminha enquanto falas ao telemóvel*) e pratica um desporto.

4 – Contraria pensamentos automáticos.

Do género: «tudo me corre mal»: «se eu falhar é o fim do mundo»; «nunca vou conseguir mudar»; etc.

5 – Sê assertiva.

Diz não e delega.

6 – Planeia o teu tempo.

Distingue o que é urgente do que é prioritário e introduz atividades de prazer na tua agenda.

7 – Kiss (Keep it simple, stupid).

Demonstra objetivos em tarefas, e problemas em partes pequenas.

(Sofia Castro Fernandes)

Oração

Senhor:

- Multiplicas-te o **pão da Honestidade** e todos ficamos saciados de justiça;
- Multiplicas-te o **pão da Bondade** e todos ficamos pessoas de bem;
- Multiplicas-te o **pão da Sinceridade** e aprendemos a dizer a verdade;
- Multiplicas-te o **pão do perdão** e todos nos abraçamos, esquecendo os antigos ressentimentos;
- Multiplicas-te o **pão da Alegria** e toda a lágrima nos foi enxugada;
- Multiplicas-te o **pão da Ternura** e todos recuperamos o amor;
- Multiplicas-te o **pão da Fé** e todos nos sentimos família de Deus.

Avós de Jesus S. Joaquim e S. Ana

Amanhã, dia 26 de julho, a Igreja faz Memória dos avós de Jesus. São eles, S. Joaquim e S. Ana.

S. Joaquim, da Casa de David, casou com S. Ana e foram pais da Virgem Maria. S. Joaquim era galileu, foi sepultado em Nazaré e mais tarde trasladado para o vale de Josafat.

S. Ana, Mãe de Nossa Senhora, é representada com aspeto maternal e traz um manto verde, símbolo da esperança.

Este casal são o protótipo dos esposos cristãos.

Seis Adágios populares

1

Fome e esperar,
fazem rabiar.

2

De fome não vi morrer,
mas sim de muito comer.

3

Estômago vazio,
não tem ouvidos.

4

Amanhã jejuo o preto,
ainda bem que não é hoje.

5

A mulher e a cabra,
é má coisa, sendo magra.

6

Bem jejuo,
quem mal come.

Aniversários de Leitores

Esta semana estão de Parabéns pelo seu aniversário natalício, os Leitores das seguintes paróquias:

PARÓQUIA DE CARVALHOSA:

– DIANA PINTO, na próxima Sexta-feira, dia 30 de julho.

PARÓQUIA DE EIRIZ:

– MARTA PINHEIRO, no próximo Sábado, dia 31 de julho.

PARÓQUIA DE FIGUEIRÓ:

– PAULO NETO, na próxima Quinta-feira, dia 29 de julho.

PARÓQUIA DE SANFINS DE FERREIRA:

– MANUEL PEREIRA, na próxima Quinta-feira, dia 29 de julho.

DIÁCONO DA PARÓQUIA DE CARVALHOSA:

– O Sr. Diácono, Dr. António Cardoso, a servir a Paróquia de Carvalhosa, mas também as restantes três (Eiriz, Figueiró e Sanfins de Ferreira), bem como outras paróquias na nossa Vigariaria de Paços de Ferreira, sempre que solicitado, também festeja o seu aniversário, na próxima Sexta-feira, dia 30 de julho.

Em nome de todos, o Jornal do Leitor transmite-lhe muitos Parabéns e deseja-lhe um feliz Aniversário. Obrigado, Sr. Diácono, pela sua disponibilidade, sempre pronto a ajudar e a colaborar.

O Jornal do Leitor deseja igualmente à Diana, à Marta, ao Manuel e ao Paulo, parabéns e muitas felicidades.

Parabéns a todos!

~ ~ ~ ~ ~

Obs.: - Se não em todas, há pelo menos algumas paróquias, cujos Leitores não fizeram chegar ao Jornal o dia e o mês do seu aniversário. Não é obrigatório, nem sequer importante, mas ajuda a ilustrar de uma forma mais bela e completa o espaço destinado à publicação dos "Aniversários de Leitores". **Colaborem.**

Humor

Seis piadas sobre alentejanos

1

– Por que é que os alentejanos penduram peras nas antenas?

– Para terem antenas pêrabólicas.

2

– Por que é que o alentejano lê o jornal à esquina?

– Para o vento mudar-lhe a página.

3

– Por que é que o alentejano à segunda-feira sai de casa pela janela?

– Porque tem uma semana de trabalho à porta.

4

- O que é um alentejano com duas telhas à cabeça?
- Uma casa de repouso.

5

- Por que é que os alentejanos sempre que vão passear de barco, levam duas portas?
- Para fazerem corrente de ar.

6

- Por que é que as casas dos alentejanos não têm portas?
- Para os filhos não espreitarem pela fechadura.

~ ~ ~ ~ ~

Anedota – ...mas esta é picante...

Um agricultor deslocou-se à mecânica local para consertar o camião. Era uma reparação demorada e não podia ficar à espera. Então disse que não morava longe e que simplesmente voltaria para casa a pé.

No caminho para casa, aproveitou e parou numa drogaria. Comprou um balde e uma lata de tinta que precisava. Parou também numa loja de ração e venda de animais e comprou duas galinhas e um ganso.

Já fora da loja, tinha um problema: como levar todas as compras para casa?

Enquanto coçava a cabeça a pensar, foi abordado por uma velhinha que disse estar perdida, que lhe perguntou:

– Você pode dizer-me como chegar ao número 16 da Rua Solitária?

O agricultor disse:

– Bem, para falar a verdade, a minha quinta fica muito perto dessa rua. Eu posso orientá-la até lá, mas estou com dificuldade em como carregar estas coisas...

A “velha” sugeriu:

– Por que não coloca a lata de tinta no balde? Carregue o balde com uma das mãos, coloque uma galinha debaixo de cada braço e carregue o ganso na outra mão.

– Muito obrigado, é bem pensado! – disse ele e continuou a levar a “velha” para casa.

No caminho, diz ele:

– Vamos entrar por este atalho e descer por este beco. Estaremos lá em pouco tempo...

A velhinha olhou para ele com cautela e disse:

– Sou uma viúva solitária, sem marido para me defender ... Como vou saber se quando chegarmos ao beco você não me vai segurar contra a parede, puxar para cima a minha saia, e faça o que quiser comigo?

O agricultor disse:

– Caramba, senhora! Estou a carregar um balde, uma lata de tinta, duas galinhas e um ganso. Como poderia eu segurá-la contra a parede e fazer isso?

A velha respondeu:

– Óh homem, ponha o ganso no chão, cubra-o com o balde, coloque a tinta em cima do balde e eu seguro as galinhas!!

Da contracultura dominante à prática política

Na sequência das reflexões do último editorial de Jorge Cunha, importa refletir sobre o universo de mensagens que todos os dias nos chegam, muitas das quais são expressões de uma contracultura dominante, orientada para o exibicionismo pessoal e social, para o superficial e vazio de sentido humano.

Por M. Correia Fernandes

O título deste escrito baseia-se numa observação de Paulo Otero, do Movimento Ação Ética (MAE), fundado por quatro docentes universitários (Bagão Félix, Pedro Afonso e Vítor Gil e o próprio Paulo Otero), na qual afirma na importância de “Denunciar e desmontar uma certa contracultura minoritária, mas que domina as redes sociais e os meios de comunicação social”.

Todos temos verificado a presença obsidante deste tipo de mensagens, que nos entram pelos telemóveis, pelas pantalhas das televisões ou que enchem páginas de jornais, e que nos assolam os espíritos com banalidades que inserem na sociedade uma mentalidade carente de humanidade e de ideais nobres. Claro que encontramos também notícias e informações de nobreza e dignidade humana, mas quase se perdem nos interstícios do sensacionalismo balofo.

Se, por um lado, sentimos que a nossa mentalidade comum e o sumo profundo do pensamento e do universo dos sentimentos vividos parecem buscar hoje um certo sentido do humano e até do sagrado (*como damos conta no escrito de página 15 deste número*), por outro lado o universo obsidante de uma comunicação social maioritária (*com que contrasta uma rica comunicação social, no entanto positivamente minoritária*) produz uma poderosa sensação de vazio mental, intelectual e sobretudo ético, como têm vindo a denunciar muitas das mais nobres mentes que podem ter algum acesso à comunicação social.

Podemos alegrar-nos com o estilo do discurso de António Guterres ao tomar posse no início do segundo mandato como Secretário-Geral das Nações Unidas, ao propor a todos os países (*e agentes políticos e sociais*) uma atitude “mais transparente e responsável”, a cultivar na sequência da pandemia que atingiu transversalmente as múltiplas sociedades do mundo, sem distinção de ideologias políticas, de regimes de

governança ou de mentalidades instaladas, uma pandemia que mostrou a vulnerabilidade partilhada por todos e a interligação de toda a humanidade e que, por isso, implica a necessidade absoluta de ação coletiva. Nesse sentido solicitou aos governos, à sociedade e às organizações políticas uma retoma baseada nos conceitos de Justiça, de Ecologia da Natureza e de sustentabilidade, em que podemos encontrar eco ou ressonância das palavras do Papa Francisco, ao afirmar “O urgente desafio de proteger a nossa *casa comum* inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um *desenvolvimento sustentável e integral*, pois sabemos que as coisas podem mudar... A humanidade possui ainda a capacidade de colaborar na construção da nossa *casa comum*. Desejo agradecer, encorajar e manifestar apreço a quantos, nos mais variados sectores da atividade humana, estão a trabalhar para garantir a proteção da casa que partilhamos”.

Esta ressonância das palavras de Francisco denota um sentido de aproximação, colaboração e união de todas as sociedades humanas nos caminhos da proposta evangélica da Justiça, raiz de toda a convivência humana e da “grande Paz até ao fim dos tempos”. A linguagem de um agente político não pode assumir caráter confessional. Mas importa evidenciar que as grandes mensagens humanas, quando querem ser construtivas, vão sempre buscar a sua raiz ao universo humanista da palavra evangélica. Essa constatação poderia ajudar o mundo (*governos, ideais sociais, movimentos cívicos, organizações políticas*) a substituir, na ação política, as dimensões da humana condição da violência e do conflito à ação política da construção de um universo de Justiça. Importa recuperar politicamente este conceito bíblico nas sociedades e nas estruturas humanas. Não se trata de um conceito apenas religioso, mas de um conceito civilizacional.

Importa, pois, aprofundar a relação entre a religião, a prática religiosa e o universo de uma reinante secularização social, que centra toda a realidade humana na supremacia do profano, das práticas individuais e das miméticas influências comportamentais de sectores mais salientes da sociedade (*pela riqueza, pelo exibicionismo corporal ou comportamental*).

Esta transmutação de ideais deve tornar-se também uma componente da ação política, que necessita urgentemente de percorrer mais os campos da ética humana e da ética social, superando criativamente a idealização do confronto ou do conflito institucional.

Eis a proposta de Francisco, que pode nortear os ideais da prática política: “a relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta, a convicção de que

tudo está estreitamente interligado no mundo, a crítica do novo paradigma e das formas de poder que derivam da tecnologia, o convite a procurar outras maneiras de entender a economia e o progresso, o valor próprio de cada criatura, o sentido humano da ecologia, a necessidade de debates sinceros e honestos, a grave responsabilidade da política internacional e local”, propondo a superação de uma “cultura do descarte” e lançando a proposta dum novo estilo de vida”

(*Laudato si, n. 16*).
Voz Portucalense de 24-6-2021.

São Tiago Orago de Carvalhosa e Figueiró



São Tiago (apóstolo de Jesus)

Festa litúrgica: dia (Ferial) 25 de julho

Um dos doze Apóstolos de Jesus, São Tiago é conhecido como Tiago Maior, para diferenciá-lo de Tiago Menor, que era de Nazaré e primo de Jesus. Ele é conhecido também como: São Tiago Apóstolo, Santiago e Santiago de Compostela.

É padroeiro dos cavaleiros, dos peregrinos, dos farmacêuticos, dos veterinários e dos químicos. É também padroeiro da Espanha, da Guatemala, do Chile e da Nicarágua.

Origens

São Tiago era irmão de São João Evangelista, o mais novo dos discípulos de Jesus. Era filho de Zebedeu e Salomé. Nascido em Betsaida, às margens

do Mar da Galileia. Tal como Pedro e André, vinha de uma família de pescadores. Zebedeu, Tiago e seu irmão João eram sócios de Pedro e André no trabalho da pesca.

São Tiago foi um dos primeiros discípulos chamados por Jesus e fazia parte dos principais, dos mais íntimos, ao lado de Pedro e João. Nos momentos mais importantes da missão de Jesus, como a Transfiguração, a ressurreição da filha de Jairo, a Santa Ceia entre outros, esses três estavam sempre presentes.

Filho do trovão

São Tiago e seu irmão João foram apelidados por Jesus de “Filhos do Trovão”, como vemos no Evangelho de Marcos 3, 17. Isto aconteceu porque quando Jesus e uma grande comitiva de discípulos se preparavam para atravessar a Samaria, os samaritanos recusaram-se a recebê-los. Tiago e João perguntaram a Jesus se poderiam mandar cair fogo do céu sobre os rebeldes. Mas Jesus repreendeu-os dizendo que “*Não veio para perder, mas para salvar as pessoas*”.

Faz um pedido precipitado ao Senhor

O Evangelista Mateus narra uma passagem curiosa. Quando Jesus estava caminhando para seus últimos dias em Jerusalém, Salomé, mãe de Tiago e João, foi até Jesus com os dois filhos, ajoelhou-se e pediu ao Senhor que, quando viesse em sua glória, colocasse um de seus filhos à sua direita e o outro à esquerda. Jesus respondeu que os dois irmãos beberiam o mesmo cálice de sofrimento que Ele (Jesus) beberia. Porém, quanto a estar à direita ou à esquerda, somente o Pai é quem sabe e determina. Os outros discípulos ficaram indignados com o pedido. Jesus, então, deu-lhes uma lição de humildade dizendo que, no Reino dos Céus, o maior é aquele que se coloca a serviço de todos.

São Tiago na Espanha, em Santiago de Compostela

São Tiago é o padroeiro da Espanha. Isto deve-se a uma tradição que vem desde os primórdios do cristianismo. Conta-se que, logo após receber o Espírito Santo no dia de Pentecostes, São Tiago teria ido para a Espanha anunciar o Evangelho. Depois de ter passados por vários lugares na Península Ibérica, inclusive Portugal, sem obter muito sucesso no seu intento, voltou para Jerusalém, onde foi aclamado o líder da Igreja local. Após sua morte, seus restos mortais teriam sido trasladados para a Espanha e sepultados no local onde hoje se encontra a famosa Catedral de Santiago de Compostela, erguida em sua homenagem.

Primeiro entre os 12 Apóstolos a ser martirizado

A última vez que São Tiago aparece nas Sagradas Escrituras é em “Atos 12, 1-2”, onde se noticia o seu martírio. O texto diz que Herodes Agripa, filho de Herodes, o grande (*aquele que mandou matar os bebês inocentes em Belém*), rei da região sul de Israel chamada Judeia, “*Mandou matar Tiago, irmão de João, pelo fio da espada*”. Isso aconteceu perto do ano 44, na cidade de Jerusalém. Esta é a única morte de um dos 12 Apóstolos a ser narrada na Bíblia.

Ordem de Santiago

Por causa de sua coragem em testemunhar Jesus Cristo a ponto de dar a própria vida por Ele, São Tiago tornou-se patrono do Exército espanhol e também do Exército português. A tradição conta que ele inspirou um grande número de soldados no combate à invasão muçulmana na Península Ibérica. Por causa disso foi criada a famosa Ordem de Santiago, para valorizar a honra, a lealdade, a coragem e a fé. Durante alguns séculos, pertencer a esta Ordem era uma grande honra.

Peregrinação a Santiago de Compostela

Durante a Idade Média, a Igreja concedeu indulgência plenária a todos aqueles que fizessem peregrinação à Catedral de Santiago de Compostela, com espírito de penitência, de arrependimento e de conversão. Por isso, um grande número de fiéis começou a fazer este caminho de peregrinação. A rota da peregrinação foi-se estendendo cada vez mais e, hoje, chega a oitocentos quilômetros. O caminho é feito, na maioria das vezes, a pé. Mas também é feito de bicicleta e outros tipos de veículos movidos pelo esforço humano. A peregrinação sempre transforma o peregrino. É raro o peregrino chegar ao seu destino sem ter sido transformado pela oração, pela penitência e pelo “caminho”, que representa uma elevação espiritual.

Oração a São Tiago Maior

“Apóstolo São Tiago,
escolhido entre os primeiros,
tu foste o primeiro a beber do cálice do Senhor,
e és o grande protetor dos peregrinos;
faz-nos fortes na fé e alegre na esperança,
em nosso caminhar de peregrino
seguindo o caminho da vida de Cristo
e alenta-nos para que finalmente,
alcancemos a glória de Deus Pai.
Que assim seja. Amém.”

Mapa dos Caminhos de Santiago

Percurso, desde
Faro, Lagos e Tavira (Algarve-Portugal),
até Santiago de Compostela (Espanha).



A distância, desde a fronteira portuguesa de Valença do Minho, até Santiago de Compostela, é de 107 Km.

Escala de Leitores

ESCALA DE LEITORES

25-07-2021

XVII Domingo do Tempo Comum

CARVALHOSA

FUNÇÃO

M I S S A

Vespertina

Do Dia

Avisos

Gisela Meireles

Carla Sousa

1.ª Leitura

Gisela Meireles

Carla Sousa

2.ª Leitura

Gisela Meireles

Carla Sousa

Oração Universal

Gisela Meireles

Carla Sousa

Escala de M.E.C.s

ESCALA DE M.E.C.s

25-07-2021

XVII Domingo do Tempo Comum

CARVALHOSA

M. E. C.s

FUNÇÃO

M I S S A

Vespertina

Do Dia

Local - 1

Tony Moreira

Alzira Nunes

Local - 2 - A -

Maria Guiomar

Jorge Moreira

Local - 3

José M.ª Matos

Alexandra Brito

Local - 4

Maria José

Filipe Freitas

Local - 5

Sr. Diácono

Sr. Diácono

- A - em tempo de pandemia, prescindimos do "ponto 2" que avançará para o "ponto 5", sempre que o Sr. Diácono não possa estar presente. Assim, o MEC. do "ponto 2", nunca fica dispensado.

A Fechar

A felicidade consiste em ser livre, isto é, não desejar nada.

(Epicteto)

Jornal concluído em 6 de julho.